

Espaço Atemporal e Consumo: Objetos e Subjetividade em Juazeiro do Padre Cícero

*Timeless Space and Consumption:
Objects and Subjectivity in Juazeiro do Padre Cícero*

Fagner José de Andrade

Resumo

Esta reflexão nasce a partir de uma parcela dos resultados que foram obtidos na pesquisa de mestrado em antropologia (2020), onde analisamos o consumo dos romeiros do Padre Cícero e seu simbolismo por meio da espacialidade sagrada na qual os próprios interlocutores categorizam a cidade de Juazeiro do Norte-CE. A metodologia utilizada para este trabalho etnográfico percorre o que tradicionalmente compõem o trabalho antropológico, especialmente as observações participantes nas romarias, bem como, entrevistas e análises de dados. Neste artigo fazemos uma reflexão sobre as subjetividades que tornam as romarias do Padre Cícero um espaço propício para expressões e rituais que englobam consumo, crenças e relações simbólicas. Este trabalho pretende romper com uma lógica já tradicional na qual tem limitado a religiosidade apenas a ritos, liturgias e expressões, pretendemos aqui fazer um esforço por uma releitura do contexto que amplie a compreensão do fenômeno em questão.

Palavras-chave: Objetos. Romaria. Subjetividade.

Abstract

This reflection arises from a portion of the results that were obtained in the master's research in anthropology (2020), where we analyzed the consumption of Padre Cícero's pilgrims and their symbolism through the sacred spatiality in which the interlocutors themselves categorize the city of Juazeiro do North-CE. The methodology used for this ethnographic work covers what traditionally comprises anthropological work, especially participant observations in pilgrimages, as well as interviews and data analysis. In this article we reflect on the subjectivities that make Padre Cícero's pilgrimages a suitable space for expressions and rituals that encompass consumption, beliefs and symbolic relationships. This work intends to break with an already traditional logic in which religiosity has been limited only to rites, liturgies and expressions. Here we intend to make an effort to reinterpret the context that broadens the understanding of the phenomenon in question.

Keywords: Objects. Pilgrimage. Subjectivity.

Introdução

As romarias de Juazeiro do Norte-CE fazem parte de um fenômeno que já é bastante conhecido do ponto de vista da religiosidade, da cultura e de suas expressões “tipicamente nordestinas”.¹ Entretanto, ao longo do tempo outros aspectos foram se tornando pontos de reflexão e de pertinência científica, principalmente, para a antropologia. A princípio, é necessário situar o leitor acerca desse fenômeno e suas implicações para as ciências sociais, sobretudo a antropologia. As romarias de Juazeiro surgiram em torno da figura do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934), sacerdote católico que ficou conhecido por sua fama de milagres (1889)² e por ter se envolvido com a política em níveis locais, estadual e nacional.

Seu envolvimento com a política se deu após seu afastamento das ordens sacerdotais, devido problemas de comunicação com o Bispo da época da Diocese de Fortaleza, esta Diocese compreendia todo o território do estado e Juazeiro do Norte está localizada a mais de quinhentos quilômetros de distância da Capital Fortaleza. Levando em consideração esse preâmbulo, surgem os romeiros atraídos pelo fenômeno religioso, “milagres” e histórias constituídas a partir de toda uma experiência religiosa que agrupa cultura, tradições e outros elementos que juntos constituem o grande fenômeno das romarias de Juazeiro do Padre Cícero.

Podemos iniciar esse debate com as seguintes questões: quem são os/as romeiros/as do Padre Cícero? De onde vem, o que fazem em Juazeiro e que associações podemos fazer a partir da antropologia da religião? Primeiramente é preciso deixar evidente que essas romarias se iniciaram a mais de cem anos, especificamente em 07 de julho de 1889, onde mais de três mil pessoas da cidade do Crato-CE³ foram atraídas pelo milagre do Juazeiro e se dirigiram a fim de reverenciar o fenômeno. Aos poucos essa dinâmica foi se fortalecendo e se popularizando, hoje ultrapassa um quantitativo de mais de dois milhões de romeiros⁴ ao ano; esse dado é corroborado pela sala de informação romeiro que é coordenada pela Basílica Nossa Senhora das Dores de Juazeiro do Norte-CE. Esta sala é responsável pelo cadastro dos/das fretantes⁵ que registram suas romarias organizadas.

As romarias são grandes aglomerações que reúnem pessoas advindas dos mais diversos estados do Nordeste e outras regiões do Brasil. Geralmente essas grandes

¹ As romarias expressam em sua forma de ser, elementos culturais que correspondem a determinadas tradições, crenças e costumes do Nordeste.

² O milagre da hóstia como ficou conhecido, trata-se da transformação da mesma em sangue na boca da Beata Maria de Araújo em ritos ministrados pelo Padre Cícero. Este fenômeno deu-se início em março de 1889 e se estendeu durante dois anos.

³ NETO, L., Poder fé e Guerra no Sertão, p. 66.

⁴ CORDEIRO, M. P. J., Entre Chegadas e Partidas, p. 23.

⁵ Termo atribuído as pessoas que são responsáveis em organizar toda a viagem, desde locação do transporte a pousada, poderíamos afirmar que são coordenadores de romaria.

aglomerações têm o intuito de realizar uma determinada festa que presidirá aquela romaria. Em Juazeiro temos as romarias oficiais que são: Nossa Senhora das Candeias, nos meses de janeiro e fevereiro; Romaria da Morte do Padre Cícero, no mês de julho; Romaria de Nossa Senhora das Dores (Padroeira), entre os meses de agosto e setembro e, por fim, a romaria de finados, em outubro e novembro. Dentro desses espaços, entre uma romaria e outra, temos as que estão inseridas numa espécie de calendário oficioso,⁶ são as romarias de Natal, Dia de Reis, São Sebastião e o aniversário do Padre Cícero.

Esses eventos permitem com que a cidade de Juazeiro do Norte, que hoje ultrapassa os duzentos e cinquenta mil habitantes, seja compreendida como uma cidade santuário.⁷ Nesse espaço atemporal⁸ os romeiros tiveram a oportunidade de constituírem seus rituais por meio de uma espontaneidade que lhes é própria, agregando aspectos simbólicos, culturais e sociais, próprio da experiência sertaneja. Junto a isso, diversas mitologias, histórias e estórias fizeram com que as romarias de Juazeiro do Norte, em sua experiência de organização e viagem, bem como em seus rituais, que destacaremos a seguir, tivessem marcas significativas das pessoas advindas das áreas rurais, das comunidades quilombolas e das sociedades indígenas.

Levando em consideração o local de onde o romeiro seja pertencente, o percurso de ônibus ou outros veículos pode levar em torno de mais de dez horas de estrada. Isso sem falar em todas as locomoções dos sítios, áreas rurais, vilarejos e distritos até a zona urbana de onde o transporte oficial sai em peregrinação. Durante a viagem, os romeiros rezam, cantam, fazem momentos de oração atribuindo ao percurso uma certa ritualidade que culmina com a chegada em Juazeiro do Norte, como ápice da predisposição do que é fazer a romaria. Vale ressaltar que a chegada, por sua vez, promove o final de um rito e o início de outro que se estabelece com as dinâmicas vividas em Juazeiro do Norte.

Quando já estão na cidade os romeiros ali permanecem em torno de três ou quatro dias. Durante esse tempo, eles visitam igrejas, assistem às missas, fazem caminhadas à Colina do Horto, onde está a estátua do Padre Cícero, visitam as casas do Padre Cícero, que hoje são museus, a Basílica Nossa Senhora das Dores, onde acontecem os principais eventos da romaria e a Capela do Socorro, onde está o túmulo do Padre Cícero, local de muita importância para os romeiros. Interessante que no túmulo do sacerdote as pessoas depositam objetos como ex-votos,⁹ pedidos, água, fotografias e indumentárias,¹⁰ esse mesmo fenômeno se repete no museu onde está a cama na qual o padre faleceu.

O conjunto formado pelo Horto e Santo Sepulcro compõem um espaço repleto de uma memória religiosa popular, onde a presença do padrinho é sentida fortemente, Ali, o espaço de identificação e ambiência entre o padrinho e seus devotos é patente. Nele, talvez mais do que em qualquer outro ponto de Juazeiro, a intervenção de poderes civis

⁶ ANDRADE, F. J., É Tudo Milagre do Padrinho, p. 49.

⁷ ANDRADE, F. J., É Tudo Milagre do Padrinho, p. 10.

⁸ CARVALHO, G., Madeira Matriz, p. 71.

⁹ Objetos utilizados para pagamentos de promessa, por exemplo, partes do corpo representado em madeira, esses são deixados nos santuários como gesto de gratidão pelos pedidos atendidos, geralmente de curas e recuperação da saúde.

¹⁰ Roupas, vestes e mortalhas.

e eclesiásticos é acessória na medida em que, estejam eles, presentes ou não, a fé romeira continua a se manifestar e se reafirmar.¹¹

Evidentemente que existem outros locais de rituais, como o santo sepulcro,¹² as demais igrejas e santuários, sem falar no próprio caminho do Horto. Os/as peregrino/as sobem a pé da cidade ao alto da colina, um percurso em torno de sete quilômetros de caminhada. Interessante que esses detalhes nos possibilitam enxergar as dimensões da ritualidade expressa e criada por esses mesmos peregrinos/as, nas quais as missas, como rituais oficiais da Igreja Católica, reúnem multidões. Porém, é na ritualidade que percebemos o que realmente faz o diferencial na cosmologia dos romeiros.

Na realidade o Juazeiro sagrado, desde o seu início se confundiu com suas romarias num sentido muito direto e muito profundo. Um foi e continua sendo parte do outro, constituindo uma existência indivisível. Se romaria é um acontecimento, um fato social total, podemos dizer que assim também o foi e continua sendo o Juazeiro sagrado, transitado e vivenciado pelos romeiros.¹³

1. Simbolismo e Materialidades

Uma das questões mais pertinentes que agregam não apenas simbolismos e significados são as expressões materiais que repercutem diretamente na movimentação dos romeiros no espaço ritual e geográfico. É preciso fazer essa diferenciação de espaços, pois ambos têm perspectivas diferentes, mas que se entrelaçam no desenvolver do entendimento do fenômeno. Dentro da cosmologia sobre a espacialidade de Juazeiro, a ideia de espaço vivido nos permite aprofundar o entendimento do que corresponde a materialidade que identificamos neste local. Dumoulin e Guimarães tecem uma reflexão sobre este espaço vivido que projeta valores, desejos e sonhos.

No dia a dia, nossa casa é a espacialidade vivida como “centro” de nosso mundo. Na hora da romaria, o peregrino deixa seu centro de referência costumeiro e caminha em direção a outro centro, onde ele projeta valores, desejos, sonhos que motivam a sua peregrinação na terra. Contrariamente ao que alguns pensam, a romaria não é fuga da realidade diária, mas procura de sentidos, reabastecimento da esperança para viver melhor esta realidade.¹⁴

Dificilmente o romeiro não associa a experiência da penitência com um gozo. Essa dimensão dada pelo sentimento é o que produz diversas assimilações simbólicas que são feitas entre o local e a subjetividade das pessoas, o gozo e a penitência¹⁵ transpassam a maneira como os romeiros se relacionam com o Juazeiro. Por um lado, a penitência é fonte primaz da devoção e das práticas que delimitam a peregrinação e, por outro lado, o gozo que diz respeito a toda efusão de motivações, desejos e sonhos

¹¹ PAZ, R. M., Para Onde Sopra o Vento, p. 203.

¹² Local de penitencia dos beatos do Padre Cícero, este fica em torno de três quilômetros da Colina do Horto onde está a estátua do sacerdote.

¹³ BRAGA, A. M. C., Padre Cícero, p. 337.

¹⁴ DUMOULIN, A.; GUIMARÃES, A. T., Romeiros/as e Romarias em Juazeiro do Norte, p. 10.

¹⁵ PAZ, R. M., Para Onde sopra o Vento, p. 56.

que estão na atmosfera deste ritual da romaria, por ser o local que eles têm a possibilidade de protagonizar um contexto diferente do cotidiano. Vale destacar que essas categorias, por mais que pareçam dicotômicas, elas se interligam e direcionam toda a criatividade e espontaneidade dos gestos que conseguimos identificar entre nossos interlocutores.

Para nossa análise, percebemos a materialidade tão presente e tão importante nos dias de peregrinação. São os objetos que são adquiridos dentro da atemporalidade das romarias.¹⁶ Durante nossas experiências com a pesquisa etnográfica, realizada entre os anos de 2018 e 2020 nas romarias de Juazeiro do Padre Cícero identificamos que os objetos que compõem o comércio distribuídos nas feiras das romarias constituem parte importante da experiência da peregrinação. Muito de nossos interlocutores que organizam romarias ao longo do ano nos confirmaram que em seu itinerário é reservado um dia específico para que os romeiros possam se dedicar as compras; frisamos ainda que eles se preparam ao longo do ano para este acontecimento.

Essa afirmação foi feita pelos romeiros em nossas entrevistas e corroborada pela experiência de campo na qual fica evidente que a materialidade não corresponde especificamente ao objeto religioso em si, esta assume um destaque no que corresponde ao itinerário dos nossos interlocutores. Eles, ao longo da romaria, identificam que tanto o objeto como imagens, terços, medalhas e outros itens pertencem a categoria do sagrado, por outro lado, utensílio do expediente cotidiano e doméstico das pessoas como panelas, lençóis, canecas, redes, peças em vidro e alumínio são muito procurados nas feiras que compõem as ruas de acesso aos santuários de Juazeiro. Esses últimos não se tornam objetos sagrados, mas carregam as categorias sacralizantes da espacialidade, tendo em vista que Juazeiro é a cidade santuário.¹⁷

É importante destacar que as romarias de Juazeiro sofrem muitas influências para além do catolicismo tradicional. Ao longo do tempo, diversas expressões da religiosidade do povo se conectaram ao que desembocou no fenômeno atual das romarias, esse movimento no decorrer dos anos tem se reconfigurado, tornando-se um fenômeno atual da cultura religiosa. Uma das maneiras dela se renovar a cada época é por meio dessas materialidades, como já começamos a destacar anteriormente: materialidade é um fator que corresponde a objetificação, ou seja, torna o ritual objetivo e palpável, geralmente com esta associação entre cotidiano e religiosidade. Os objetos que compõem esse espaço ritual permitem com que o romeiro em suas experiências possa ampliar-se, no sentido de estender, esta mesma experiência para além da sua própria rotina diária, ou seja, sendo uma extensão mais elaborada de sua devoção.

Fazemos coisas porque elas nos ampliam potencialmente como pessoas. Mas não postulamos que sejam externas: por um ato de consciência nós a fazemos com trabalho. Esse novo mundo material que moldamos a partir da natureza nos permite viajar, melhorar nossa dieta, nos divertir, viver mais tempo. Além disso, ao nos vermos nesse mundo que criamos, ganhamos em complexidade sofisticação e conhecimento.¹⁸

¹⁶ CARVALHO, G., Madeira Matriz, p. 71.

¹⁷ ANDRADE, F. J., É Tudo Milagre do Padrinho, p. 10.

¹⁸ MILLER, D., Treco Troços e Coisas, p. 90.

Com as realidades sociais mais distintas e muitas vezes difíceis no que concerne o poder aquisitivo, fator primordial da sobrevivência humana, o próprio ato de “economizar recursos” ao longo do ano afim de alocá-los para a romaria, corresponde a uma dinâmica própria, dando sentido a esta vida romeira e devota que se objetiva em coisas adquiridas. Quando fazemos um retorno ao campo, com nossos interlocutores, percebemos que essas materialidades se referem a visão doméstica do cotidiano dessas pessoas. Nestes termos, vale lembrar que esses objetos que identificamos são nada mais que *trecos*¹⁹ como conceituado por Daniel Miller em suas discussões sobre cultura material, essa materialidade vai atender as demandas do dia a dia dessas pessoas. Como citamos, anteriormente, o que fica claro é que a coisa em si, além de atrair do ponto de vista comercial e de sua disposição no “caminho do romeiro”²⁰, preenche uma lacuna existente nas subjetividades.

Essa lacuna que identificamos está inserida no discurso religioso, que muitas vezes necessita do preenchimento por coisas materiais ou mesmo motivações, que dizem respeito as performances que os interlocutores desenvolvem a fim de estabelecerem uma conexão fortemente objetivada por essas relações entre o “santo”, o espaço e os bens materiais que estão disponíveis a esses interditos. A categoria performance²¹ consegue abarcar essa ideia por ter inserida em seu contexto as possibilidades de as pessoas desenvolverem técnicas de reconfiguração de toda uma espacialidade atemporal²² que a romaria propicia.

Tratar qualquer objeto, obra ou produto como performance-uma pintura, um romance, um sapato, ou qualquer outra coisa significa investigar o que esta coisa faz, como interage com outros objetos e seres. Performances existem apenas como ações, interações e relacionamentos.²³

Os objetos que conseguimos identificar e que foram listados, anteriormente, representam não apenas uma necessidade prática das pessoas, mas a junção de outras questões como classe social, política, bens e crenças. O consumo aqui citado também não deve ser tratado simplesmente como fator econômico, mas como uma junção dessa grande teia de relações em que o universo simbólico da religião em contato direto com a vida das pessoas permite que a cultura expresse o real sentido e necessidade dos indivíduos nesse ambiente. Com o passar do tempo, como o comparativo nos permitiu analisar cada objeto que se adquire nesse contexto está em paralelo com outros que fazem parte do universo religioso.

Em um primeiro contato, o leitor poderia pensar que estamos comparando uma imagem do santo com uma panela, seria equivocado pensar assim. O que se permite comparar são as motivações e como o peregrino tece sua identificação e assimilação a determinado bem material. Quando tentamos compreender como os mesmos interagem

¹⁹ MILLER, D., *Treco Troços e Coisas*.

²⁰ Utilizamos este termo para ilustrar o percurso que os romeiros fazem entre uma igreja e outra, entre os museus e praças e assim por diante.

²¹ SCHECNER, R., *Performances Studies*, p. 21.

²² CARVALHO G., *Madeira Matriz*, p. 71.

²³ SCHECNER, R., *Performance Studies*, p. 28.

com esses *trecos*²⁴ percebemos que se sobressai uma categorização na qual o material não se torna algo sacro ou digno de ser “venerado”, mas as categorias do ambiente permitem que eles sejam vistos por outro ângulo, ou seja, esse contato com a sacralidade da atmosfera desse espaço vivido desperta nas pessoas uma cosmovisão na qual coisas e utensílios são também parte integrante do grande complexo que identificamos como romaria de Juazeiro do Padre Cícero.

Conclusão

A religiosidade sempre foi percebida por suas práticas tradicionais, liturgias e ritos, e as pesquisas em religião sempre prezaram por estas dimensões simbólicas observando pela ótica do inusitado, do “pitoresco” e de tudo o que possa ser considerado diferente. O consumo é algo próprio de nossas sociedades, observar este fenômeno dentro do campo religioso e contemporâneo por meio desta vertente analítica nos possibilita identificar e analisar categorias por meio de outras teias conceituais e metodológicas. Ampliar o conhecimento antropológico da religiosidade sempre é possível quando fazemos um caminho diferente, que valorize pequenos aspectos, neste caso, o dos objetos. Não se trata de uma pesquisa do objeto em si, mas a compreensão da relação que se estabelece entre pessoa-meio e discurso religioso que, consequentemente, produz o espaço sacro e suas nuances.

A religiosidade vivida em Juazeiro do Padre Cícero, além de ser um aspecto contemporâneo do catolicismo popular no Nordeste, no que diz respeito as mudanças na sociedade, também tem nos dado abertura para releituras que fujam dessa dimensão simplesmente ritualística. No caso que abordamos aqui, nossa releitura ocorre por meio das coisas que compõem o cenário do consumo neste espaço sagrado no qual os romeiros experimentam suas crenças e rituais. O objeto aqui é parte integrante, ele comunica, transporta e protagoniza espaço temporal do próprio rito. Evidentemente que não se trata de dar vida as coisas, do ponto de vista ontológico, mas perceber que as coisas podem transportar o que o sagrado representa na vida de cada pessoa. Desta forma, o objeto além de ocupar espaço físico, ocupa também um espaço simbólico, vivido e dimensionado pela subjetividade das pessoas se traduzindo na realidade prática de quem os utilizarão.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Fagner J. de. “É tudo milagre do padrinho”: materialidades sacralizadas na cidade santuário de Juazeiro do Norte-CE. Recife, 2020. 136p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco.
- BRAGA, Antônio M. C. **Padre Cícero**: sociologia de um padre, antropologia de um santo. Porto Alegre, 2007. 419p. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁴ MILLER, D., Treco Troços e Coisas, p. 19.

CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz**: cultura e memória. São Paulo: Annablume, 1998.

CORDEIRO, Maria Paula J. **Entre chegadas e partidas**: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza, 2010. 242p. Tese. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará.

DUMOULIN, Annette; GUIMARÃES, Ana Teresa. Romeiros/as e Romarias em Juazeiro do Norte: protagonismo de uma liturgia popular, uma visão antropológica. **Revista de Cultura 134 Teológica**, v. 17, n. 67, abr./jun. 2009. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15451>>. Acesso em: agosto 2020.

MILLER, Daniel. **Treco, trocos e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NETO, Lira. **Padre Cícero**: poder fé e guerra no Sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAZ, Renata M. **Para Onde Sopra o vento**: A Igreja Católica e as Romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: an introduction. London and New York: Routledge, 2003.

Fagner José de Andrade

Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco

Recife / PE – Brasil

E-mail: yertcad@gmail.com

Recebido em: 20/06/2024

Aprovado em: 10/12/2025